

Pressão antecipa escolha do nome

Na tentativa de inviabilizar a candidatura, Luiz Henrique propôs que a reunião para decidir a questão fosse realizada no dia 25, mas o grupo impôs que a decisão fosse antecipada para o dia 16 porque, a uma semana da eleição da Mesa — que acontece dia 2 de fevereiro — nem daria tempo do candidato escolhido fazer suas articulações com outros partidos. O grupo pró-candidatura imagina pelo menos seis nomes viáveis: Gonzaga Motta (PE), Luiz Henrique (SC), Germano Rigotto (SP), Alberto Goldman (SP), Luís Carlos Santos (SP) e Michel Temer (SP).

“Temos que saber qual tem melhor passagem entre a esquerda e também entre a direita. Nosso aliado tradicional, o PSDB, já fechou com o PFL”, afirmou o deputado João Almeida, candidato a líder do partido na Câmara. O atual líder, Tarcísio Delgado (não reeleito), não teme que uma disputa com o PFL pela presidência da Câmara rache a base de sustentação do Governo, formalmente integrado pelo PSDB, PFL, PTB e PMDB. “Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Aqui é o Poder Legislativo, é natural que os partidos busquem es-

paço de poder”, afirma o deputado. **Loucura** — Aqueles que, como Luiz Henrique, não querem candidato próprio, dizem que é “uma completa loucura”, entrar na disputa pela sucessão da presidência da Câmara: “Se entrarmos, nos ferramos. Não temos nome que ganhe do Luís Eduardo. Sabe o que vai acontecer? Mais uma vez ficaremos sem cargo nenhum na Mesa Diretora”, esbraveja o deputado baiano Geddel Vieira Lima. “A gente já não vai ter o Senado? Então deixa o PFL com a Câmara”, defende, na mesma linha de argumentação de Luiz Henrique.

Mas vem justamente da presidência do Senado uma das razões para que essa ala rebelde do PMDB dispute a Câmara. É que o senador José Sarney (PMDB-AP), favorito na disputa pela sucessão de Humberto Lucena (PMDB-PB), é visto na legenda como muito mais fiel ao PFL do que ao PMDB. Além disso, estão em jogo cargos no Governo, acredita um pefelista. É a maneira que esse grupo, em especial os não-reeleitos, teria para garantir espaço no segundo e terceiro escalões do governo Fernando Henrique Cardoso.